

**A FEB PELOS PRACINHAS:
PERCEPÇÕES DE MILITARES DE BAIXO GRAU HIERÁRQUICO
ACERCA DA PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

ELONIR JOSÉ SAVIAN*

A Segunda Guerra Mundial é objeto de estudo de muitos historiadores que a analisam sob diferentes enfoques, como o desenrolar das grandes operações bélicas, o desenvolvimento tecnológico que implicou no surgimento de armas de destruição em massa, e o papel desempenhado por importantes líderes civis e militares.

Não obstante, o conflito envolveu milhões de homens e mulheres, de todos os continentes, cujas vozes, em grande maioria, permanecem anônimas. Resgatar a visão de uma pequena parcela dessas pessoas, particularmente dos pracinhas da Força Expedicionária Brasileira (FEB), é a razão do presente artigo.

A preparação da FEB iniciou-se em 1943, quando foram dadas ordens para a convocação de um contingente que deveria ser enviado para a África ou para a Europa tendo em vista contribuir para os esforços das tropas Aliadas que nesses continentes se defrontavam com forças do Eixo. Convocados, os conscritos passaram por seleção médica e os aptos iniciaram, a partir de janeiro de 1944, treinamentos conjuntos no estado do Rio de Janeiro. Em julho deste mesmo ano, parte do contingente expedicionário seguiu para a Itália; o restante seguiria em outras três levas; a última somente em fevereiro de 1945, quase no final da guerra. Em setembro de 1944, as tropas brasileiras tiveram seu “batismo de fogo” no vale do rio Serchio e prosseguiram suas operações de combate até abril de 1945, com sucessos e reveses.

A historiografia oficial nacional registra a participação brasileira como um grande feito, haja vista os resultados finais obtidos pelos soldados “febianos”. Boa parte dela, notadamente no meio militar, tem como referências principais as memórias do comandante

* Professor de História da Academia Militar das Agulhas Negras. Mestre em História Social pela Universidade Severino Sombra.

geral da tropa, marechal Mascarenhas de Moraes, e de oficiais do seu estado-maior, como os marechais Cordeiro de Farias e Lima Brayner.

Não desmerecendo tais escritos, que evidentemente são de suma importância, o presente estudo busca analisar a trajetória da FEB sob o ponto de vista de militares menos graduados, ou seja, de capitães a soldados rasos. Daí a inspiração do título do presente estudo, em alusão à obra “A FEB pelo seu Comandante”, do marechal Mascarenhas de Moraes.

Buscou-se, assim, elaborar um estudo sob o ponto de vista de uma “história vista de baixo”, em contrapartida a uma “história vista de cima”, esta habitualmente realizada no seio militar brasileiro. Teve-se como referências historiadores como Edward Thompson, Christopher Hill, Carlo Gizburg e John Keegan, autores de importantes trabalhos baseados nas experiências de pessoas comuns.²

Dada à amplitude do tema, o presente artigo restringe-se a analisar a fase de preparação da FEB no Brasil e o deslocamento marítimo de seus integrantes para a Itália. As fontes utilizadas foram memórias de pracinhas; desde as escritas logo após a guerra até as redigidas em tempos recentes, estas mais abundantes. Foram consultados cerca de 180 depoimentos na busca de se atingir o objetivo proposto. Percebeu-se, de imediato, que as reminiscências eram extremamente variadas, o que decorria de diversos fatores. Vejamos alguns:

a) o recrutamento dos integrantes da FEB foi realizado em todo território nacional, reunindo, em consequência, pessoas com diferentes idiossincrasias (sertanejos nordestinos, caipiras paulistas, moradores de grandes cidades, descendentes sulistas de imigrantes europeus, entre outros).

b) a alfabetização dos “febianos” era variada, havia soldados analfabetos e outros com curso superior, o que implica, pelos menos em teoria, em tratar de pessoas com valores e visões de mundo peculiares;

² Edward Thompson, em “Costumes em comum: estudo sobre a cultura popular tradicional” demonstra como a “plebe” inglesa do século XVIII, influenciada por uma cultura conservadora, reagiu à modernização gerada pelo avanço do Capitalismo. Christopher Hill, em “O mundo de ponta-cabeça: idéias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640”, versa sobre o papel ativo das classes populares no conflito. Carlo Gizburg em “O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição” busca analisar o cotidiano das “classes subalternas” do século XVI por meio da reconstituição da história do moleiro Domenico Scandella, conhecido por Menocchio, alvo de processos da Inquisição. John Keegan em “A face da batalha” analisa embates como os de Waterloo (1815) e do Somme (1916) a partir de relatos de soldados comuns.

c) muitos pracinhas realizaram apenas tarefas administrativas na retaguarda, outros participaram ativamente de combates, o que evidentemente os diferencia quanto à vivência que tiveram no conflito;

d) foram incorporados soldados profissionais e outros subitamente recrutados, fator que se refletia nas aspirações deles em relação ao papel que deveriam desempenhar no conflito (de forma geral, o desejo dos primeiros em destacar-se profissionalmente; a aspiração dos últimos em simplesmente cumprir as obrigações impostas por lei).

e) alguns “febianos” permaneceram pouco tempo na Itália por terem lá chegado quando a guerra estava se findando; outros ficaram por quase um ano em solo italiano; o que, em princípio, propiciaria a estes um leque maior de experiências;

f) os pracinhas fizeram parte de diferentes armas e serviços do Exército (infantaria, cavalaria, artilharia, entre outras), cada uma delas com características e missões diferenciadas; algumas mais técnicas, outras mais voltadas para o combate propriamente dito, o que tendia a delinear aspectos comportamentais diferenciados nos expedicionários.

Também é de se supor que em suas reminiscências os pracinhas tenham enfatizado questões por eles julgadas mais relevantes, o que se pode considerar normal em face das pessoas elencarem seleções do que vai constar que em suas memórias. Dessa forma, alguns destacaram minuciosamente a preparação a que foram submetidos no Brasil, outros preferiram descrever seus feitos nos campos de batalha, ainda há aqueles que guardam mágoas em relação à acolhida que tiveram ao retornarem no Brasil, entre outros tantos casos que eles individualmente ou em conjunto vivenciaram enquanto soldados.

Ainda se pode enfatizar que as memórias são um campo fértil para se aumentar feitos considerados positivos ou omitir outros desabonadores, o que deve ser levado em conta pelo historiador em suas análises.

Todavia, convém ressaltar que não foram encontradas divergências profundas entre os pracinhas em relação às principais questões concernentes à preparação no Brasil e ao deslocamento da FEB para a Itália. Assim, no presente trabalho nos ateremos em destacar pontos em que há quase unanimidades entre eles, o que nos possibilita determinar, em linhas gerais, as percepções que a maioria deles teve em relação a determinados eventos relativos a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, o que convém lembrar é o objetivo principal deste artigo.

Iniciaremos com as motivações que levaram o Brasil a entrar na guerra. Muitos pracinhas que comentaram sobre isso consideram que a causa foram agressões perpetradas por submarinos da Alemanha e da Itália que resultaram no afundamento de navios e na morte de centenas de brasileiros. Bertha Moraes Nerici, que serviu como enfermeira, descreve o sentimento que pairava: “havia uma vibração fortíssima e também uma indignação muito grande com relação ao torpedeamento dos nossos navios, inclusive navios de passageiros. O espírito de revolta contagiou civis e militares e foi feita a convocação pelo jornal”. (NERICI, 2001, 196).

Outros acrescentam questões relacionadas ao patriotismo, geradas pelo afundamento dos navios, a exemplo de Oswaldo Matuk, que foi para a guerra como sargento fuzileiro:

(...) um repórter comunicou que o Brasil tinha declarado guerra e, já nessa hora, estava convocando os brasileiros para se apresentarem, a fim de vingarem os torpedeamentos de navios. Aquilo me penetrou na alma porque diversos navios tinham sido afundados, num total de 32. Isso, para quem ama a Pátria e dá valor ao patrimônio nacional é o mesmo que uma punhalada no coração. Surge o sentimento de vingança não sei se comovido pelas marchas militares ou pela voz do locutor. (MATUK, 2001, 248).

Em que pese a propaganda oficial em relação ao afundamento dos navios, a convocação foi recebida de maneira diferente pelos cidadãos brasileiros. Nos depoimentos dos pracinhas percebe-se que havia os que eram voluntários para ir à guerra, os que se resignaram a ir, e os que não queriam ir de modo algum. César Serau, soldado promovido a cabo durante a guerra, comenta:

Fora uma minoria, ninguém queria ir para a guerra, mas 100% dos que foram combateram com muita boa vontade para cumprir com o seu dever. Lembro-me que, ainda no 4º RI [4º Regimento de Infantaria], descia do trem para entrar no portão do quartel, mais ou menos às 7 horas, muitos convocados, à paisana ainda, chegavam com papel na mão gritando: – Sou casado! Eu sou casado! Com certidão de casamento em punho. Muitos tinham casado na véspera, só para não irem para a guerra, pois quem era casado não ia, só se fossem oficiais ou sargentos. (SERAU, 2001, 245).

Houve também aqueles que acabaram indo para a Itália por acaso. Lauro Sawaya, soldado, relata que um subtenente fraturou a perna quando treinava para ir à guerra. Em razão disso, o major subchefe da 1ª Seção (responsável pela parte de pessoal) precisava

urgentemente de um substituto para o militar acidentado. Em decorrência, deu-lhe a seguinte ordem: “Precisamos de um subtenente, o primeiro subtenente que aparecer aqui.” Surgiu o subtenente Lauro Soares, a quem disse: ‘olha, o major quer falar com o senhor.’ ‘Mas o que ele quer comigo?’ Respondi: ‘pois é, ele está querendo falar com o senhor, o senhor entra lá.’ Então ele se ajeitou e foi”. Acabou indo para a guerra... (SAWAYA, 2001, 215).

Feita a convocação, a tropa recrutada em todo o Brasil começou a ser reunida para fins de exames médicos e treinamento. Para o soldado fuzileiro José Bernardino de Souza foi difícil inicialmente conviver com pessoas tão diferentes: “não foi fácil adaptar-me a todos eles, uns falando meio italiano, outros falando meio alemão e outros com sotaque de paulista, cada um se expressava segundo suas origens”. (SOUZA, 2001, 270).

Quanto à seleção médica, percebe-se que ela não seguiu uma padronização. Há casos em que se relata grande rigor dos médicos, enquanto em outros se descreve a total negligência, o que se explica por terem sido nomeadas juntas médicas em vários locais do País, que obviamente não seguiram os mesmos padrões ao fazerem a seleção. Para Elza Cansanção, enfermeira, “as inspeções de saúde eram sumárias e ineficientes, mesmo porque não dispúnhamos de muito material para exames preventivos. Muitos dirigentes partiam da premissa de que ‘para bucha de canhão, qualquer coisa que fique em pé sobre duas pernas está bom”. (CANSANÇÃO, 1987, 54). Entretanto, Adão Vieira do Aguiar, cabo enfermeiro, considera que a inspeção de saúde foi rigorosa, mas reconhece que por ocasião do deslocamento para a Itália “muitos viajaram com doença venérea. Então foi improvisado no porão do navio, uma espécie de isolamento para esse pessoal. O americano nesse ponto é muito rígido.” (AGUIAR, 2001, 129).

Selecionada a tropa, precisava-se alojá-la. Também nesse quesito houve improvisação. Inicialmente pensou-se em reunir a FEB na cidade de Resende, ideia abandonada por ter se optado em agrupar os expedicionários na cidade do Rio de Janeiro ou em suas proximidades. Dada a urgência em se tomar tal providência, os soldados passaram a ocupar instalações normalmente precárias. Gilberto Pessanha, comandante da Companhia Leve de Manutenção, descreve como conseguiu alojar seus subordinados “a busca de um quartelamento, pois nenhum foi oferecido, era uma preocupação constante, diária, enquanto o efetivo ia tomando corpo, disperso pelos locais de instrução. Em fins de janeiro, ‘descobrimos’ um picadeiro equestre, não utilizado pela Escola de Intendência (EsI)”.

(PESSANHA, 2001, 82). O padre Manuel Inocencio L. dos Santos, capelão, descreve sobre os alojamentos localizados no morro do Capistrano, na Vila Militar:

A entrada nos alojamentos do Capistrano eram um tanto chocantes “oves et boves et universa pecora...” Representantes da mocidade de todo o Brasil, desde o gaúcho alto e louro até o nordestino mirrado e aparentemente franzino. Um desconunal arrastão. Diga-se por amor à verdade; a impressão não era positivamente agradável. O calor sufocante, moscas rodopiavam em negros enxames. No fundo, atrás do último pavilhão, restos de comida atirados pelas valetas aumentavam o tormento. Demais, a displicência da soldadesca, indolente, tanto quanto à indiferença dos oficiais absorvidos no trabalho, gerava atmosfera desanimadora para o sacerdote, que não via onde começar sua ação. (SANTOS, 1950, 396).

Não obstante, alguns tiveram mais sorte, caso do pessoal de saúde que se preparou em Valença. Conforme Diaz Sebastião Cammarosano, sargento enfermeiro, a estada nessa cidade foi boa, pois “sabendo a sociedade que se tratava de jovens, moços, que tinham como destino a Itália (...), éramos muito bem recebidos; por outro lado, mantínhamos um bom relacionamento com a comunidade através de promoções e eventos sociais, festas e outros entretenimentos”. (CAMMAROSANO, 2001, 119).

Além do alojamento era preciso alimentar a tropa. Nessa questão há quase consenso: as refeições servidas à tropa eram de péssima qualidade. O sargento Luiz Pedrozelli descreve os poucos cuidados no preparo alimentar: “(...) o rancho ficava perto das cavalaria e juntava muitas moscas. Quando entrávamos no rancho, nas vasilhas de arroz havia tantas moscas pousadas que ninguém enxergava o arroz. (...) eu me virava com um pãozinho e uma banana (...). (PEDROZELLI, 2001, 294). José Álfio Piason, tenente, comenta sobre as condições higiênicas dos acampamentos: “a alimentação é servida em marmitas e os restos jogados pelos cantos, depois as marmitas são limpadas com folhas de papel, ou quando muito, areia e água fria, permanecendo, assim, sujas e engorduradas de causar nojo (...) atração de enxames de insetos”. (PIASON, 1950, 94).

Fardar a tropa foi outra atividade que deixou a desejar. De péssima qualidade, os uniformes, denominados “Zé Carioca”, machucavam os soldados e desbotavam e rasgavam facilmente. Acabou substituído por outro que tinha a mesma cor do das tropas alemãs, o que trouxe problemas aos brasileiros quando eles desembarcaram na Itália. Epapharol Silveira, tenente, comenta: “chegando à Itália o civil italiano nos confundiu com prisioneiros alemães, já que o nosso fardamento era mais ou menos parecido. Ao ver desembarcar uma tropa

desarmada (...), acharam que também éramos prisioneiros e levamos algumas pedradas dos italianos”. (SILVEIRA, 2001, 128).

Havia também a necessidade de equipar e armar a tropa. Como a maioria dos materiais de guerra do Brasil era ultrapassado se comparados aos dos utilizados pelos países que combatiam na Europa, acordou-se com os norte-americanos que estes cederiam equipamentos e armamentos adequados.³ Parte desse material seria enviado diretamente ao Brasil para treinamento da tropa, o restante seria fornecido no local onde a tropa brasileira seria empregada. Devido a prioridades estadunidenses, nem todo o material para treinamento prometido foi enviado para o Brasil, o que levou boa parte dos pracinhas a treinar com armamentos e equipamentos que não utilizariam na guerra. Segundo o cabo Rômulo César Machado França: “nós não tínhamos armamento atualizado; no Rio de Janeiro fazíamos exercícios em Gericinó, mas com nossas próprias armas. E eram as antigas. Não possuíamos sequer idéia do material que iríamos receber”. (FRANÇA, 2001, 317). De acordo com Mário do Amaral, tenente, “aguardávamos com ansiedade a tão propalada chegada de material (...) o material chegou, mas em doses homeopáticas e insuficiente para que todos os soldados e oficiais pudessem ter a oportunidade de com ele travar um mínimo de conhecimento exigível para utilizá-lo convenientemente”. (AMARAL, 1950, 164-5).

Com o equipamento e o armamento disponíveis, os expedicionários iniciaram o treinamento, o que não foi simples. Por mais de vinte anos, a partir da década de 1920, esteve no Brasil uma missão militar francesa, a fim de instruir as tropas acerca do que mais inovador havia na arte da guerra. Ocorre que a doutrina militar dos franceses, logo no início da Segunda Guerra Mundial, mostrou-se totalmente inadequada em face da doutrina militar alemã baseada na “Blitzkrieg”⁴, o que resultou na derrota e subjugação da França. Em razão

³ Para se ter uma ideia da obsolescência do material de guerra brasileiro, pode-se se dizer que o Exército Brasileiro de forma predominante dependia da força do cavalo para se locomover, enquanto seus congêneres que lutavam na Europa faziam uso de veículos motorizados/blindados (conforme SAVIAN, 2014, passim).

⁴ Em uma *Blitzkrieg*, inicialmente era estabelecido um objetivo estratégico que deveria ser alcançado pelas grandes unidades blindadas. O ataque iniciava-se pela ação de caças e bombardeiros, que, agindo como uma “artilharia aérea”, destruíam campos de pouso, estações ferroviárias, depósitos de combustíveis, pontes, quartéis-generais, entre outros alvos, a fim de desarticular as posições defensivas inimigas. A artilharia contribuía, de acordo com suas possibilidades, nesse esforço. Tropas paraquedistas podiam ser lançadas para conquistar áreas importantes para o prosseguimento das operações, ou para desorganizar ainda mais o sistema defensivo inimigo. Paralelamente, ou mesmo antes do início das operações, tropas terrestres pressionavam toda a frente inimiga (reconhecimento em força) para localizar os pontos fortes e fracos do dispositivo inimigo. Feitos os reconhecimentos, poderosas investidas blindadas eram realizadas para abrir brechas de 2 a 3 km nos pontos

disso, de uma hora para outra, as tropas brasileiras viram-se obrigadas a mudar de doutrina, da francesa para a norte-americana (semelhante a alemã), o que evidentemente trouxe transtornos de diversas naturezas. Para Thorio Benedro de Souza Lima, comandante de Companhia de Petrechos Pesados:

No que tange à instrução da 1ª DIE [1ª Divisão de Infantaria Divisionária Expedicionária], conclui-se que a mesma se desenvolveu de acordo com o planejamento elaborado, porém diante de uma série de circunstâncias desfavoráveis que devem servir de motivo de meditação. Mudança repentina de doutrina militar, da francesa para a americana, designação de unidades pertencentes a diversas regiões militares, retardando a concentração da DIE, insuficiência de material norte-americano para a instrução, flutuação dos efetivos das unidades em decorrência das mudanças de critério de seleção de pessoal, ausência de manuais técnicos e de campanha norte-americanos traduzidos para a língua portuguesa, carência de instalações e de campos de instrução, promiscuidade do pessoal e Unidades da 1ª DIE com as demais que ficariam no Brasil, influência negativa do ambiente do Rio de Janeiro, onde predominava a descrença na FEB. (LIMA, 2001, 42).

Para os soldados rasos, havia basicamente “(...) muita maneabilidade, trabalho físico pesado, execução de tiro real, daqueles em que se saía de uma trincheira, enquanto uma metralhadora atirava por cima da tropa, protegida por uma rede de arame, para que ninguém se levantasse e fosse atingido por uma rajada”. (GONÇALVES, 2001, 182).

Menos comuns, mas não menos importantes, são as citações de que havia um grande distanciamento entre oficiais e praças, o que é obviamente é péssimo para a harmonia e para constituição do “espírito de corpo” da tropa. O sargento Samuel Silva descreve que “antigamente, um 1º sargento, com 28 ou 30 anos de serviço para falar com um oficial, tinha que fazer continência, se apresentar e ainda permanecer com a mão na pala até que um jovem recém-saído da Academia lhe mandasse baixar a mão”. (SILVA, 2001, 193). Demócrito Cavalcante de Arruda, tenente, vai mais longe:

Nossos chefes, de modo geral, se apegam mais à letra de um regulamento de disciplina, por exemplo, que proíbe o inferior de fumar na presença do superior, ou não retirar a mão da pala na continência, enquanto não receber autorização, do que a conquista da confiança dos homens pela tolerância, pelo tato, pela

fracos. Os pontos fortes eram desbordados, para posterior destruição. Após passar pelas brechas, as forças blindadas poderiam, dependendo o caso, seguir para o objetivo final, causando a maior quantidade de danos possíveis ao adversário, ou isolar os pontos fortes que haviam ultrapassado, enfraquecendo-os (as duas operações poderiam ser realizadas conjuntamente). Unidades motorizadas seguiam as blindadas, procurando alargar as brechas. Por fim vinham divisões a pé, às quais cabia reduzir os pontos fortes, agora enfraquecidos pela ação das forças de primeiro escalão. Todas as operações terrestres eram apoiadas pela força aérea. Alcançado o objetivo estratégico, outros eram traçados, e as operações prosseguiram (LACERDA; SAVIAN, 2015, 271).

compreensão e interesse dos sentimentos dos subordinados. A consequência é que em lugar da cordialidade, existe nas fileiras uma surda hostilidade; a má vontade em vez da solícita cooperação; direi mesmo uma atmosfera de temor que se exprime na desconfiança em que o nosso pracinha se aproxima dos nosso Generais e oficiais superiores. (ARRUDA, 1950, 64-63)

Para José Goes Xavier de Andrade, tenente, isso se explicaria analisando-se a História do Brasil, pois remontaria o tempo do patriarcalismo e da escravidão, quando só havia comandantes e comandados. Via-se nos quartéis o encontro dos mesmos elementos do período colonial: o filho do “coronel” e os filhos dos trabalhadores, foreiros, agregados, respectivamente como comandantes e comandados. O poder do superior hierárquico, semelhante ao do senhor de terras. O elemento disciplinador era o medo, o receio do castigo, o estabelecimento, enfim, de *um modus vivendi* desigual para uns e para outros; e a condição de “senhor” e de subordinado com suas regalias e desvantagens. (ANDRADE, 1950, 312-323)

Má alimentação, péssimos alojamentos, treinamento árduo, desmotivação para ir à guerra, falta de adaptação à vida castrense, problemas de relacionamento interpessoais, entre outros fatores, levavam muitos a pensar a desertar ou a encontrar outros meios para não servir na guerra. Vicente Grataliano, soldado atirador, conta um caso em que deserções ocorreram:

o coronel comandante do 6º RI pôs a Unidade em forma e falou: – Olhem, hoje vocês todos serão dispensados e às 04:00 horas da tarde eu os quero de volta, aqui, prontos. Nós vamos embarcar, mas não sabemos ainda para onde. – Quem quiser desertar, é seu problema, mas às 4 horas eu quero todo mundo aqui. Alguns companheiros diziam: – Eu vou para minha casa e não volto. Outros me perguntaram: – Você vai ficar? Eu disse: – Bom, vou ficar. Não vou desertar, eu vou para a guerra. Mas alguns companheiros desertaram (...). (GRATALIANO, 2001, 282).

Além das deserções, vários expedicionários relatam casos de companheiros que contraíram intencionalmente doenças venéreas, mutilavam-se ou se valiam de influências políticas com o intuito de serem desmobilizados.

Muitos também são os relatos acerca da indisciplina da tropa enquanto estava no Rio de Janeiro. Antonio Dezotti, atirador de metralhadora, descreve um fato que lhe marcou:

Depois de tudo organizado, prontos para embarcar, o General Zenóbio determinou que a tropa desfilasse na Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro. Na ocasião, ele prometeu uma dispensa para os militares, após a parada, mas, em seguida, deu última forma. Isso causou um certo transtorno na tropa, pois o pessoal queria visitar as famílias, antes de seguir para a guerra. Isto posto, cada um por sua própria conta, sem autorização, viajou para seu estado e cidade, a fim de visitar os

familiares. Um numeroso grupo, mais ou menos 800 militares, invadiu um trem na estação Central do Brasil, para viajar a São Paulo. Quando chegaram a Barra Mansa, por ordem do Ministério da Guerra foram todos presos. O General Zenóbio enviou um trem especial para buscar-nos em Barra Mansa e levar-nos de volta para a Vila Militar. (DEZOTTI, 2001, 226).

Em datas pré-estabelecidas com autoridades norte-americanas deram-se os embarques das tropas brasileiras rumo à Itália. Como o Brasil não dispunha de navios de transporte de tropas adequados, mais uma vez teve-se que recorrer ao apoio estadunidense.

Assim, no dia 30 de junho de 1944, o 1º escalão da FEB (cerca de 5 mil homens) deslocou-se dos locais onde estavam alojados rumo ao porto do Rio de Janeiro onde seria embarcado no navio USS General W.A. Mann, que os conduziria à Europa. Samuel Silva, sargento comandante de seção de metralhadora, descreve tal episódio: “Estávamos sem nada, só com a roupa do corpo (...). No dia do embarque, ficamos de prontidão (...). Quando escureceu, (...) foi dada a ordem de embarque e o trem seguiu de janelas fechadas, para que não vissem o que estava acontecendo”. (SILVA, 2001, 180).

Para a grande maioria dos pracinhas, a experiência em se deslocar por via marítima não foi agradável, pelo contrário, pode-se se dizer que foi traumática. Sólton Rodrigues D’Avila, oficial de comunicações, relata suas impressões acerca da viagem, que em muito se assemelha às de vários outros “febianos”:

É difícil de, em poucas palavras, falar sobre a viagem. Foram quinze dias de muita tensão, desconforto, mas também de ensinamentos. Eu relatei algumas observações, alguns aspectos da viagem no meu momento. Inicialmente, os problemas que eu percebi e senti. Primeiro o enjôo no navio que foi um horror. Eu passava o dia enjoado e não era só eu, quase todo mundo enjoava. O segundo problema para nós foi a alimentação inadequada. (...). O outro incômodo foi o calor insuportável, um calor terrível, úmido e abafado. Por último cito a tensão causada pelos exercícios de abandonar o navio (...). Nunca sabíamos, ninguém sabia, se era para valer ou apenas mais um exercício. Ficávamos nervosos, cada vez que soava aquela sirene no navio. Todo mundo já sabia para onde ir e qual era o seu escaler. Eram cinco mil homens tentando subir pelas escadas estreitas. Terminado o exercício, descia-se para o porão onde as cabinas eram verdadeiros fornos. (D’AVILA, 2001, 25).

Não obstante, a viagem transcorreu conforme prevista, desembarcando as tropas brasileiras em segurança na cidade de Nápoles, no dia 16 de julho de 1944. Dalí, os “febianos” seguiriam pela Itália até a vitória final dos Aliados.

Dado o exposto, pode-se inferir que as impressões da maioria dos militares de baixo grau hierárquico em relação à preparação no Brasil para a guerra não foram boas. Seleção de pessoal ineficiente, alimentação péssima, alojamentos inadequados, treinamento improvisado, armamento obsoleto, fardamento impróprio, problemas disciplinares, foram observações comuns encontradas nas memórias dos pracinhas.

Tal fato, porém, não causa surpresa ao se analisar o Brasil da década de 1940, que ostentava alto grau de analfabetismo, pouquíssima assistência na área de saúde às populações carentes, deficientes redes rododiferroviárias, insipiente industrialização, e um Exército que se preparava para conflitos regionais, com países sul-americanos, não para uma contenda global, com países avançados belicamente, a qual subitamente viu-se enredado.

Eduardo Collier, tenente, aponta o legado da escravidão como causa principal dos males do Brasil de meados do século XX:

Ainda não conseguimos libertar-nos, completamente, da pesada herança da escravidão. Libertos dessa instituição há mais de meio século, não nos mostramos capazes, até agora, de resolver os problemas de instrução, saúde e educação que uma sociedade, como uma comunidade de homens livre, pressupõe. A escravidão, sobretudo, parece ter minado, profundamente, entre nós, o sendo de independência pessoal e a noção de responsabilidade que lhe é correlato. Certamente, que muitas condições de vida do nosso povo se explicam pelo enorme atraso de nossa organização política. (COLLIER, 1950,476).

Convém destacar que em momento algum no presente trabalho buscou-se menosprezar o relevante papel desempenhado pelos pracinhas, muitos dos quais na Itália sacrificaram suas vidas. Seguimos, assim, o seguinte pensamento, do tenente Massaki Udihara:

Não há intenção de diminuir ou menosprezar as glórias conseguidas. Apesar de tudo podem todos os participantes da F.E.B. vangloriar-se de feitos que os sacrifícios, as agruras e os sofrimentos não fazem senão elevar e enaltecer. Mas que não sejam esquecidas as circunstâncias e que elas fiquem sempre na memória de todos, para que outros não tenham que incorrer nas mesmas falhas, com um sacrifício dispendiosos e evitável. (UDIHARA, 1950,155).

Por fim, considera-se importante a discussão do objeto deste artigo por ele trazer a lume vozes esquecidas que muito podem contribuir para descortinar aspectos relevantes

concernentes à participação brasileira na II Guerra Mundial. Também por propiciar discussões importantes relativas a questões teórico-metodológicas.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Adão Vieira do. *In: HISTÓRIA Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Tomo 7. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.
- AMARAL, Mário. A instrução da F.E.B. *In: Depoimento de oficiais da reserva sobre a F.E.B.* 3. ed. Rio de Janeiro: Cobraci, 1950.
- ANDRADE, José Goes Xavier de. O Espírito da F.E.B. e o espírito de Caxias. *In: Depoimento de oficiais da reserva sobre a F.E.B.* 3. ed. Rio de Janeiro: Cobraci, 1950.
- ARRUDA, Demócrito Cavalcante de. Impressões de um infante sobre o Comando. *In: Depoimento de oficiais da reserva sobre a F.E.B.* 3. ed. Rio de Janeiro: Cobraci, 1950.
- BRANCO, Manoel Thomaz Castello. **O Brasil na II Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960.
- BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sôbre a FEB**: memórias de um chefe de estado-maior na campanha da Itália (1943-1945). Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.
- CAMMAROSANO, Diaz Sebastião. *In: HISTÓRIA Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Tomo 8. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.
- CANSANÇÃO, Elza: **E foi assim que a cobra fumou**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- COLLIER, Eduardo. As condições sociais e econômicas do País e a mobilização do Nordeste. *In: Depoimento de oficiais da reserva sobre a F.E.B.* 3. ed. Rio de Janeiro: Cobraci, 1950.
- D'AVILA, Sólon Rodrigues. *In: HISTÓRIA Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Tomo 7. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.
- DEZOTTI, Antônio. *In: HISTÓRIA Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Tomo 7. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.
- FARIAS, Oswaldo Cordeiro de. **Meio século de combate**: diálogo com Cordeiro de Farias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- FRANÇA, Rômulo Flávio Machado. *In: HISTÓRIA Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Tomo 7. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.
- GIZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GONÇALVES, José. *In: HISTÓRIA Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Tomo 3. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.

GRATLIANO, Vicente. *In: HISTÓRIA Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Tomo 3. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.

HILL, Christopher. **O mundo de ponta-cabeça**: ideias radicais durante a revolução inglesa de 1640. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HISTÓRIA Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial. Tomos 1 a 8. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.

KEEGAN, John. **A face da batalha**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2000.

LIMA, Thorio Benedito de Souza. *In: HISTÓRIA Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Tomo 3. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.

LACERDA, Paulo Henrique Barbosa; SAVIAN, Elonir José. **Introdução ao Estudo de História Militar Geral**. Resende: AMAN, 2015.

MORAES, J. B. Mascarenhas de. **A F.E.B. pelo seu comandante**. 2. ed. Rio de Janeiro: EGGCF, 1960.

MATUK, Oswaldo. *In: HISTÓRIA Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Tomo 3. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.

NERICI, Bertha Moraes. *In: HISTÓRIA Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Tomo 7. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.

PEDROZELLI, Luiz. *In: HISTÓRIA Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Tomo 7. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.

PESSANHA, Gilberto. *In: HISTÓRIA Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Tomo 3. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.

PIASON, José Álfio. Alguns erros fundamentais observados na F.E.B. *In: Depoimento de oficiais da reserva sobre a F.E.B.* 3. ed. Rio de Janeiro: Cobraci, 1950.

REVISTA Militar Brasileira. Número comemorativo do 30º aniversário da organização da Força Expedicionária Brasileira. Brasília: Secretaria-geral do Exército, 1973.

SANTOS, Inocencio L. dos. Recordações de um capelão da F.E.B. *In: Depoimento de oficiais da reserva sobre a FEB*. 3. ed. Rio de Janeiro: Cobraci, 1950.

SAVIAN, Elonir José. **“Haverá sempre uma Cavalaria”**: tradição e modernização no processo de evolução tecnológica do Exército Brasileiro. Resende: edição do autor, 2014.

SAWAYA, Lauro. *In: HISTÓRIA Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Tomo 3. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.

SERAU, César. *In: HISTÓRIA Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Tomo 7. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. *In: BURKE, Peter. (Org.). A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

SILVA Samuel. *In: HISTÓRIA Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Tomo 7. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.

SILVEIRA, Epapharol. *In: HISTÓRIA Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Tomo 7. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.

SOUZA, José Bernardino. *In: HISTÓRIA Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Tomo 7. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.

THOMPSON. E. P. **Costumes em comum**: estudo sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

UDIHARA. Massaki. Um médico na infantaria. *In: Depoimento de oficiais da reserva sobre a F.E.B.* 3. ed. Rio de Janeiro: Cobraci, 195